

FMI informado do novo superávit

Da sucursal de
BRASÍLIA

O governo brasileiro informou aos bancos credores e ao Fundo Monetário Internacional (FMI) que realisticamente se pode esperar um superávit comercial de US\$ 10,5 bilhões neste ano, US\$ 1,4 bilhão além do previsto. E que esse superávit adicional compensa a provável subestimativa na conta de juros — US\$ 10,6 bilhões — causada pela elevação das taxas de juros internacionais.

Porém, advertiu o ministro da Fazenda, Ernane Galvéas, em conferência na Escolha Superior de Guerra, se as taxas subirem ainda mais é inevitável que o Brasil terá de voltar ao mercado financeiro em busca de dinheiro novo para cobrir o pagamento dos juros.

De qualquer modo, para o governo brasileiro a esta altura é possível se estimar otimisticamente que o déficit de transações correntes — pagamento de juros e outros serviços menos o superávit comercial — poderá ser inferior ao US\$ 5,3 bilhões programados.

Em contato com os banqueiros credores, as autoridades econômicas têm ressaltado como é extremamente danoso para o País no curto prazo essa situação, porque torna ainda mais transparente a dificuldade da austeridade econômica num ambiente de taxas flexíveis de juros com expectativas altistas.

Para este ano, o governo fez uma previsão inicial de superávit de US\$ 9,1 bilhões, resultado de US\$ 24,6 bilhões de exportações e importações de US\$ 15,5 bilhões. Previsões obtidas a partir do comportamento efetivo do comércio no primeiro quadrimestre, porém, indicam exportações de US\$ 25,4 bilhões e importações de US\$ 13,3 bilhões, resultando em superávit de US\$ 12,1 bilhões. Essa projeção foi a que o presidente do Citibank, Walter Weiston, utilizou na semana passada em Londres para demonstrar o sucesso do ajuste brasileiro.

Para a Seplan, porém, duas ordens de motivos sugerem que, realisticamente, os resultados do comércio exterior ao final do ano deverão situar-se entre as projeções oficiais e as obtidas por meio de séries dessazonalizadas. A primeira, de ordem técnica, decorre de os fatores sazonais, construídos a partir dos dados dos últimos cinco anos, terem sido influenciados por duas maxidesvalorizações cambiais no período — dezembro de 1979 e fevereiro de 1983.

Decretadas perto da mudança de ano, tiveram seus maiores efeitos produzidos a partir de meados do ano, fazendo com que previsões de exportações com base apenas nos quatro primeiros meses tornem-se superestimativas.

A segunda questão de ordem técnica, mais conjuntural, provém do crescente nível de restrição externa às exportações brasileiras de alguns importantes produtos — aço para os Estados Unidos, por exemplo — e da intenção declarada do governo de permitir importações de qualquer produto básico que, por escassez de oferta doméstica, venha a se constituir em foco de pressão inflacionária.

Assim, para a Seplan, considerando esses aspectos, parece realístico estimar em US\$ 25 bilhões as exportações e em US\$ 14,5 bilhões as importações brasileiras neste ano. Com relação ao desempenho dos manufaturados, a Seplan diz que se deve fundamentalmente às políticas cambial e salarial implementadas, que elevaram substancialmente a relação câmbio/salários, concedendo crescente competitividade internacional a esses produtos.

Outro fato destacado pela Seplan é a crescente participação dos Estados Unidos nas exportações brasileiras, não obstante seu protecionismo. A Seplan adverte que a eventual redução do déficit público americano, provavelmente acompanhada da redução também do déficit comercial, se por um lado pode reduzir as taxas de juros, por outro pode conter as importações, e isso prejudica as vendas brasileiras.